

A DIALÉTICA HUMANIZAÇÃO-ALIENAÇÃO NO TRABALHO: DO POTENCIAL HUMANIZADOR AO SENTIDO EMPOBRECIDO NA ATIVIDADE DE TRABALHO

Jéssica Eloah Torres de Almeida

(Universidade Federal do Paraná, e-mail: jezz_eloah@yahoo.com.br)

Este estudo teórico em andamento se relaciona a uma reflexão conceitual baseada na compreensão de como a dialética humanização-alienação no âmbito do trabalho pode contribuir no entendimento das raízes da desumanização e do empobrecimento de sentido ligados ao trabalho. Atualmente, para que possamos refletir sobre uma relação saudável ou não do indivíduo com seu ambiente de trabalho precisamos pensar anteriormente como historicamente o trabalho toma formas alienadas no sistema atual. Ao discutir o trabalho, muitas áreas e estudos da psicologia não partem de uma posição, a qual inclui dialeticamente a conformação histórica das sociedades de classe e do desenvolvimento do trabalho a partir da divisão social do trabalho e da propriedade privada. Desta forma, estes se distanciam de uma discussão mais aprofundada, a qual inclui o contexto contraditório de humanização-alienação que o ser humano experimenta em seu trabalho atualmente no capitalismo contemporâneo.

Por isso, para que possamos atingir os objetivos de pensar a longevidade no trabalho e relacioná-la a alguns conflitos atuais referentes a desumanização e ao sentido do trabalho, utilizar-se-á os pressupostos teórico-metodológicos do materialismo dialético da Psicologia Histórico-Cultural. Desta forma, pretende-se abordar, numa primeira etapa, reflexões para a compreensão do homem na sua relação histórica com o trabalho para, então, numa segunda etapa pensá-lo contextualizado no sistema capitalista contemporâneo, o qual humaniza e que ao mesmo tempo aliena. Esta conjuntura, nos ajudará posteriormente numa análise mais aprofundada dos potenciais contraditórios que o trabalho possui em direção a longevidade do sujeito no ambiente de trabalho. Pata tanto, pretende-se discutir tanto o trabalho em seu potencial humanizador, quanto em seu sentido empobrecido advindo de suas formas alienadas atuais.

Para Martins e Eidt (2010), o trabalho é o ponto de partida da humanização do ser humano e do refinamento de suas faculdades. Assim, destacam-se duas dimensões relevantes do trabalho, a histórica e a ontológica. Esta última demonstra o grau em que o trabalho determina objetivamente a constituição humana. Contudo, uma dimensão não é separada da outra (MALAGUTY, 2013). As duas engendram-se da seguinte maneira no trecho a seguir: “De acordo com Marx e Engels (1982), o primeiro ato histórico humano se dá na produção dos meios de existência dos seres humanos” (MALAGUTY, 2013, p.49).

Apesar de depender e de fazer parte da natureza, em especial, no que diz respeito a satisfação de suas necessidades imediatas e vitais, o ser humano distingue-se desta natureza se relacionando não mais de maneira direta e orgânica, pois ele a transforma em seu corpo inorgânico (MARX, 2004). Portanto, ao longo da história da humanidade foram se criando mediações entre a natureza e o próprio ser humano, o qual a partir de recursos naturais produziu meios (instrumentos)¹ de satisfazer suas necessidades primeiramente na forma de

¹ O instrumento (meio de trabalho) é definido da seguinte maneira na perspectiva marxiana: “[...]o meio de trabalho é uma coisa ou um complexo de coisas que o trabalhador interpõe entre si e o objeto do trabalho e que lhe serve de guia de sua atividade sobre esse objeto” (MARX, 1989, p 328).

Outra passagem que explica a função dos meios de trabalho na humanização também é encontrada na obra O capital: “Mal o processo de trabalho começa a se desenvolver e ele já necessita de meios de trabalho previamente elaborados. Nas mais antigas cavernas, encontramos

trabalho (MALAGUTY, 2013). Marx e Engels explicitam em “A ideologia alemã”, a qual compreende o trabalho como ato fundante do ser social, “o primeiro ato histórico, portanto, ato fundador da especificidade do homem é a criação de meios para satisfação de suas necessidades[...]” (MARX; ENGELS, 2007, p.50).

Ao utilizar-se de instrumentos para criar objetos humanos o homem cria o mundo humano num caráter social e consciente em sua atividade e não mais constitui-se somente como um ser natural. Isto porque suas necessidades e forças direcionam-se a objetos que não mais existem independentemente dele. Esta situação forma um plano entre objeto e necessidade não mais direta e imediata, como se realiza nos demais seres vivos. A fome, como uma necessidade natural, por exemplo, não mais é satisfeita a partir de uma natureza que “vence” o ser humano, pois ele a domina por meio de uma atividade laboral ativa com objetos criados por ele. Assim, suas forças essenciais, exteriorizam-se pelos objetos e se orientam de uma forma completamente diversa da dos outros seres vivos (VÁZQUEZ, 1978). Portanto, o ser humano consegue retirar o objeto de uma realidade imposta e natural, e “submete-o, arrancando-o de seu estado natural” (VÁZQUEZ, 1978, p.66), tornando-o um objeto humano.

Na Psicologia Histórico-Cultural, é por meio da atividade que a objetivação (exteriorização) da individualidade humana ocorre. Nesta abordagem, influenciada pelo legado marxista, a objetivação é uma categoria central e o trabalho é a primeira forma histórica a partir do qual esse processo (objetivação) ocorre. Segundo Leontiev (1978), o desenvolvimento do psiquismo humano realizou-se por meio de saltos qualitativos no decorrer da história. Nestes saltos houve, então, a passagem do reflexo psíquico animal ao reflexo psíquico consciente, o que só foi possível devido à atividade de trabalho, social em sua essência.

Em consonância, a atividade humana, de maneira mais ampla, possibilita o ser humano agir de forma ativa no mundo, e é “mediada por outras pessoas através do processo dialético de apropriação/ objetivação” (MALAGUTY, 2013, p.84). Neste último processo citado, é possível a atividade ser transferida aos produtos dela, isto é, permite-se a atividade humana ser corporificada em seu produto. Assim, neste objeto acumulam-se habilidades, capacidades e aptidões humanas de inúmeras gerações anteriores. Consequentemente, ao produzir a vida em sociedade o processo de objetivação acaba por necessitar de seu par dialético complementar, a apropriação. (DUARTE, 2004 apud MALAGUTY, 2013).

Por conseguinte, o ser humano ao apropriar-se do que foi produzido pela atividade de gerações passadas, as quais foram encarnadas no objeto, torna-se possível compreender como se estrutura, se desenvolve e se transforma o psiquismo humano. Este último acaba possuindo, então, uma relação íntima relação com consciência: “o reflexo consciente da realidade é formado a partir desse processo dinâmico da atividade de objetivação e apropriação, os quais, por sua vez, desenvolvem-se qualitativamente, conforme se aprimora a qualidade deste reflexo” (MALAGUTY, 2013, p.85).

Neste sentido o trabalho possui imenso potencial humanizador, pois permite o homem agir de forma ativa no mundo separando-se da natureza e desenvolvendo-se humanamente.

“A forma através da qual o homem natural dialeticamente se separa, sem separar-se da natureza e, ao se diferenciar no seio desta, estabelece com ela um intercâmbio

ferramentas e armas de pedra. Além de pedra, madeira, ossos e conchas trabalhados, também os animais domesticados desempenharam um papel fundamental como meios de trabalho nos primeiros estágios da história humana. O uso e a criação de meios de trabalho, embora já existam em germe em certas espécies de animais, é uma característica específica do processo de trabalho humano, razão pela qual Franklin define o homem como “a toolmaking animal”, um animal que faz ferramentas” (MARX, 1989, p.329).

que humaniza e torna social o mundo outrora natural. Ao mesmo tempo em que humaniza a natureza, o homem também humaniza a si, como parte da natureza; subordina a existência da espécie ao desenvolvimento do gênero humano não mais mudo; subordina o ser natural ao ser social, tornando possível a crescente socialização do mundo, ou seja, o recuo da barreira natural, o afastamento, em função da complexificação da socialidade, do nível primário de intercâmbio entre homem e natureza (Antunes, 2006; Mészáros, 2006). A esse movimento permanente, marcado por acúmulos, rupturas e saltos, constituidor da genericidade, incorre-se, no interior desse referencial teórico-epistemológico, o termo humanização” (GOMES, R.M.; SCHRAIBER, L.B., 2011, p.342).

A humanização é um processo que possibilita aos homens sua diferenciação com relação aos animais e o seu entendimento como sujeitos históricos e sociais. Este processo é estudado pela Psicologia Histórico-Cultural, ao longo da história, analisando a formação das características essenciais do gênero humano (SCHÜHLI, 2011). Todavia, quando observamos o atual momento das sociedades, precisamos compreender que o processo de humanização durante o desenvolvimento do gênero humano ocorreu de maneira conjunta com formas cada vez mais intensas de divisão social do trabalho. Estas últimas, resultaram historicamente em determinadas relações sociais de produção denominadas pelo que Marx, chama de alienação. (VÁZQUEZ, 2007 apud MALAGUTY, 2013).

Por isso, como Duarte (1993) enfatiza, é de extrema relevância perceber que nas sociedades divididas em classe, sendo este o caso da sociedade contemporânea capitalista, que objetivação e apropriação são atravessados por uma relação de contradição entre humanização e alienação. Assim, nesta dinâmica social na qual nascemos observa-se que as formas de trabalho atuais se encontram alienadas

De acordo com Marx (2004 apud RIOS, 2015), a alienação do trabalho se manifesta sob quatro aspectos na sociedade capitalista. À saber: “a) na relação entre o indivíduo e o produto de seu trabalho; b) entre o indivíduo e a atividade produtiva; c) entre o indivíduo e o gênero humano; d) entre os indivíduos” (MARX, 2004 apud RIOS, 2015, p.28). As contradições existentes entre o ser humano e suas objetivações nas relações sociais expressam-se inicialmente no trabalho, pois os produtos da objetivação do trabalhador não são passíveis de apropriação e acabam possuindo uma existência estranha a ele. Nestas condições, existe, conseqüentemente, uma servidão ao objeto produzido, pois o trabalhador irá depender dos meios de trabalho para existir como sujeito físico. Desta forma, a sua única forma de existência do indivíduo é ser trabalhador e produzir objetos que não lhe pertencem. Nesta seqüência, a atividade de trabalho também se torna estranha ao trabalhador, tornando-se obrigatória para sua sobrevivência e não mais fornecendo-lhe satisfação em si mesma (MARX, 2004). Assim, a partir destas duas formas de alienação, o ser humano se aliena do gênero humano e dos demais indivíduos, porque nessas relações específicas, é inevitável a alienação em relação ao mundo objetivo humanizado e em relação a si mesmo, já que a atividade de trabalho constitui o sujeito como indivíduo do gênero humano (MÉSZÁROS, 2006).

Em consonância com este contexto de relações alienantes, o trabalhador empobrece-se espiritualmente, pois sua capacidade produtiva não mais se refere a satisfação apenas de necessidades humanas (RIOS, 2015). Em substituição, a necessidade do sistema por acumulação e o salário para o indivíduo tornam-se privilegiados na constituição dos sentidos relacionados ao trabalho. Desta forma, também não se possibilita, de maneira plena, a apropriação de objetos produzidos por ele e o sentimento de pertencimento ao gênero humano. Portanto, existe materialmente e subjetivamente um sacrifício e uma mortificação como pré-requisitos nas vivências do trabalho atualmente alienado. Essa atividade, portanto, é esvaziada das forças essências humanas trazendo sofrimento ao indivíduo, que ao trabalhar dentro destas relações possui sua humanidade negada.

Neste cenário, portanto, são dificultadas individualidades capazes de atribuir sentido ao trabalho de maneira consciente e sintonizada com o pertencimento ao gênero humano e com o processo histórico de objetivação/apropriação deste último. Duarte (2004 apud LEONTIEV, 1978) afirma que, por exemplo, que o sentido pessoal do trabalho do operário é produzido pelas condições objetivas da vida dele, as quais o fazem vender sua força de trabalho na troca do salário. Portanto, o sentido será determinado pelo quando ele recebe e não pelo que ele produz.

Apesar de estudar especificamente o sentido na atividade de estudo, Ashbar (2011), afirma que é essencial que o sentido pessoal em uma atividade seja correspondente ao motivo das ações. Desta maneira, segundo a autora, o sentido pessoal depende da relação entre o motivo e a finalidade da atividade, traduzindo-se no que incita a ação e para o que a mesma se orienta no seio da atividade. Assim, os conceitos de sentido e de trabalho são permeados por uma sociedade de classes (consonante com o contexto da dialética humanização-alienação analisado nesta pesquisa), na qual a consciência humana passa por uma transformação abrupta e os sentidos e significados² tornam-se contraditórios. Ashbar (2011), sinaliza que este fenômeno também é chamado por Leontiev de alienação.

Não obstante, as relações sociais atuais tornam contraditórios os potenciais existentes no trabalho sobre sua condição de promover longevidade. Por um lado, o mesmo humaniza e possui um caráter criativo ligado ao desenvolvimento do mundo e do gênero humano como um todo, pois possibilita num caráter social não só a vida material, mas toda uma objetivação-apropriação do mundo, um desenvolvimento dialético de habilidades e capacidades passadas por gerações anteriores. Para além, permite o ser humano imprimir no mundo suas forças essenciais e desenvolver-se a partir disso. Já por outro lado, possui formas alienadas que trazem sofrimento e o empobrecimento de sentido do indivíduo sobre sua atividade de trabalho. Desta forma, é importante analisarmos igualmente que o trabalho na forma alienada atual também prejudica o trabalhador.

Portanto, neste breve resumo que introduz a dialética humanização-alienação, já podemos perceber a importância de pensar os fatores sociais e históricos do trabalho, em estudos e pesquisas. Por isso, retornamos a análise do “mundo do trabalho” recorrente a partir da Psicologia Histórico-Cultural. Vimos o lugar central e fundante do trabalho na ontologia humana. A partir disso, observou-se também que o gênero humano pelo trabalho se humaniza, ao mesmo tempo em que o indivíduo atualmente se encontra imbricado nas formas alienadas de trabalho. Visto isso, em um contexto no qual a humanidade desenvolve-se, mas também se aliena materialmente e ideologicamente, em prol da produtividade e acumulação do sistema capitalista, como pensar a longevidade no trabalho? Quando sobreviver e produzir torna-se mais importante do que o sentido atribuído pelo indivíduo ao trabalho, como pensar na saúde e no bem-estar do trabalhador? Sem esquecer a dialética contextual citada, o sentido do trabalho para a terceira idade poderia escapar desse empobrecimento? Neste contexto é possível ter saúde no “mundo do trabalho”? Espera-se neste breve resumo, portanto, atingir algumas reflexões iniciais sobre a importância de compreender historicamente a dialética

² De acordo com Leontiev (1978 apud CLAVE; ROSSLER; SILVA, 2015), o significado é social e independente da vida do sujeito singular, embora só exista na sua consciência. Entretanto, o sentido pessoal é o que vincula, no plano psicológico, a realidade com os motivos do indivíduo, sendo infinitamente mais íntimo. Portanto, o sentido pessoal é a justificativa da dimensão subjetiva no processo de apropriação do sujeito dos significados que são elaborados socialmente. Em um outro artigo relacionado ao sentido da aprendizagem, Duarte (2004), descreve que a consciência humana é a que movimenta as relações entre o sentido e significado da ação. Segundo ele: “Para Leontiev o sentido da ação é dado por aquilo que liga, na consciência do sujeito, o objeto de sua ação (seu conteúdo) ao motivo dessa ação” (DUARTE, 2004, p.54). O motivo da ação, porém, é relacionado de maneira mais ampla à atividade com um todo.

humanização-alienação no “mundo do trabalho” e o impacto que suas raízes causam em todas as idades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASHBAR, F. S. F. “**Porque aprender isso, professora?**” **Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural**. 2011. 220 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2011.

DUARTE, N. **A Individualidade para-si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 1993.

Duarte, N. (2004). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados.

GOMES, R.M.; SCHRAIBER, L.B. Humanization-alienation dialectic as a tool for the critical comprehension of health practices dehumanization: some conceptual elements. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.15, n.37, p.339-50, abr./jun. 2011.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Manuel Dias Duarte. Lisboa: Livros Belo Horizonte, 1978.

MALAGUTY, S. **Sofrimento pelo trabalho**: contribuições a partir da teoria da atividade de A. N. Leontiev para o campo saúde do trabalhador. 2013. 152 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, 2013.

MARTINS L. M; EIDT N. M. Trabalho e atividade: categorias de análise na psicologia histórico-cultural do desenvolvimento. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.15, n. 4, p. 675-683, 2010.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos Filosóficos**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MÉSZÁROS, I. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

RIOS, C.F.M. **O trabalho como atividade principal na vida adulta**: contribuições ao estudo da periodização do desenvolvimento psíquico humano sob o enfoque da psicologia histórico-cultural. 2012. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2015.

SCHÜHLI, V. M. **A dimensão formativa da arte no processo de constituição da individualidade para-si**: a catarse como categoria psicológica mediadora segundo Vygotski e Lukács. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, PR, 2011.

VÁZQUEZ, A. S. **As idéias estéticas de Marx**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Jéssica Eloah Torres de Almeida

Universidade Federal do Paraná. E-mail: jezz_eloah@yahoo.com.br